

# **“VAI SE TRATAR GAROTA”: TEMATIZANDO AS DANCINHAS DO TIKTOK**

ALINE SANTOS DO NASCIMENTO



O que pode a Educação Física no cenário pandêmico? Quais cenas didáticas são produzidas nesse contexto? Como pensar o fazer docente em diálogo com esta nova realidade? Como estabelecer relação com corpos-sujeitos da educação no retorno ao espaço escolar após o período de distanciamento social? Como pensar na prática pedagógica se o terreno social em que nos movimentamos tem sido o da banalização da morte devido ao total descontrole pandêmico que ceifou mais de 600 mil vidas no Brasil? Como retornar aos espaços escolares com nossos corpos sobrecarregados, por vezes, adoecidos devido ao extremo exercício que tem sido se manter viva/o? Questões como essas rondam nossos pensamentos enquanto somos consumidas/os por uma sociedade altamente globalizada, multicultural e profundamente desigual que exaustivamente tem nos cobrado nada mais, nada menos, que o êxito. Longe de percorrer essa esteira da eficiência pedagógica e buscando pensar nos fracassos diários e falhas performativas de nossos corpos, a seguir, serão narradas as experiências vividas com corpos-crianças no chão da escola e pelas telas dos equipamentos eletrônicos. Corpos conectados, em rede, aliançados a pensar coletivamente nas possibilidades da Educação Física escolar em meio ao caos.

Na cidade de São Paulo, a educação foi classificada como serviço essencial pelo Decreto Municipal nº 60.118, de 12 de março de 2021, que automaticamente liberou a retomada das atividades presenciais no formato de Ensino Híbrido Emergencial (EHE)<sup>1</sup> através das flexibilizações estabelecidas pelo

---

<sup>1</sup> O uso do termo emergencial se deve à compreensão de que a escolha desse formato se deu na tentativa de conter a circulação do coronavírus (Sars-Cov-2), realizando o isolamento social determinado pelos governos municipais, estaduais e federais.

**Plano São Paulo.** A Secretaria Municipal de Educação elaborou um protocolo de volta às aulas que afirmou contemplar as diversas instituições da rede, cada qual com suas especificidades. Com relação ao número de estudantes por unidade, numa primeira etapa estabeleceu a presença de até 35% em sistema de rodízio e, aos poucos, de acordo com os dados epidemiológicos, o rodízio deixou de existir e corpos-estudantes retornaram 100% à escola.

A tematização das dancinhas do TikTok aconteceu nesse cenário com corpos-crianças do 1º e 2º ano do ensino fundamental, ciclo de alfabetização, da EMEF Virgínia Loriza Zeitounian Camargo, localizada na região de São Mateus, Zona Leste.

A escolha da prática corporal se deu por algumas questões, a saber: percebemos que corpos-crianças faziam coreografias dentro e fora da sala de aula; utilizavam camisas, máscaras e objetos com a marca TikTok; conversávamos paralelamente com corpos-crianças sobre vídeos, montagens e outras produções presentes no aplicativo; corpos-crianças cotidianamente nos interrogavam se tínhamos algum perfil no TikTok para poder segui-las; alguns registros enviados no decorrer da tematização das brincadeiras na quarentena em 2020 foram elaborados pelo aplicativo e os protocolos de retorno às aulas presenciais orientava que a realização das práticas corporais deveria evitar aglomeração e manuseio de materiais sem a higienização adequada.

**Imagem 1:** corpo-criança com máscara TikTok



Fonte: arquivo pessoal da corpo-professora-Aline

Preocupada com a produção de espaços de significação onde as narrativas de corpos-discentes sejam viabilizadas e o patrimônio cultural corporal da comunidade seja reconhecido, a escolha das *dancinhas do TikTok* se deu em profunda sintonia com a cultura de chegada desses corpos ao espaço escolar. Para que pudéssemos organizar nosso plano de ensino de Educação Física em diálogo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) e o Plano de Ação (PEA)<sup>2</sup>, foi preciso criar uma relação pedagógica híbrida, adequando o currículo escolar à nova realidade.

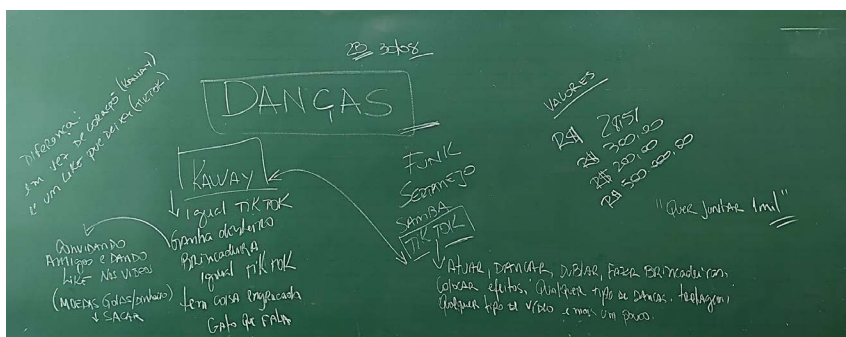
Após olhar para os documentos oficiais sobre as condições pandêmicas e o retorno às aulas, o PPP e PEA - documentos que nos interpelam a pensar em diálogos com a realidade -, analisamos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento presentes no *Currículo da Cidade – Educação Física* para o estudo das danças para o 1º e 2º ano do ciclo de alfabetização. Destacamos os seguintes: Experimentar/vivenciar, corporalmente, as danças socializadas no grupo de estudantes e reconhecidas em seu contexto cultural familiar/comunitário/regional e midiático (TV, internet, etc.); Perceber a possibilidade de, por meio da dança, criar e recriar outros gestos e sons, a partir de ideias, sentimentos e sensações; Descrever, oralmente ou registrar de alguma forma, as sensações e sentimentos (tristeza, alegria, frustração, dor, cansaço, euforia, tédio etc.) advindos da vivência e/ou da apreciação das manifestações e produções da dança; Identificar elementos constitutivos das danças vivenciadas (nome de artefatos, figurinos, movimentos, forma de organização, quantidade de participantes etc.) e gestualidades.

---

<sup>2</sup> Na rede municipal de São Paulo contamos com o PEA, documento produzido coletivamente por docentes e equipe gestora, sendo considerado o braço prático do PPP da unidade. Nele são estabelecidas as ações a serem realizadas no chão da escola, a organização de seus tempos e espaços, dos encontros de formação continuada face às diretrizes da Secretaria Municipal de São Paulo, diálogo com as políticas públicas, projetos educacionais, participação de estudantes, familiares e da comunidade, entre outros. É um documento vivo, coletivo, performativo. A ideia é que docentes se alimentem dele para pensar suas práticas pedagógicas. Em 2021, após corte no horário coletivo de formação, a unidade estabeleceu o Plano de Ação contendo informações referentes às necessidades/prioridades, ações, recursos materiais/financeiros, cronograma e responsáveis diretos para a construção de práticas pedagógicas em diálogo com o contexto pandêmico e retorno do Ensino Remoto Emergencial (ERE).

Esses objetivos nos ajudaram a produzir a caminhada da tematização sem moldar ou enquadrar as cenas didáticas produzidas na relação entre corpos-crianças, corpo-professora-Aline e corpos-sujeitos da educação em constante movimento, ação. Nos primeiros encontros com corpos-crianças, realizamos uma roda de conversa sobre as danças e o TikTok. Corpos-crianças narraram sobre a relação que estabelecem com o aplicativo TikTok e as danças que circulam nesse espaço digital/virtual, além disso, disseram entrar em contato com as danças pelo YouTube, desenho do Sonic, jogo do Free Fire e Just Dance (disponibilizado durante os intervalos na escola), comentaram sobre a questão financeira atrelada à quantidade de acessos e likes em vídeos, convite a amigas/os - as moedas digitais *gold*s tornam-se dinheiro a ser sacado ou utilizado em outros aplicativos. De modo geral, utilizando o TikTok, as pessoas podem atuar, dançar qualquer gênero musical, dublar, fazer brincadeiras, colocar efeitos, fazer trologens e mais um pouco.

Imagem 2: Registro da roda de conversa sobre as danças e o TikTok



Fonte: produzida pela corpo-professora-Aline

A tematização se debruçou nas relações estabelecidas por corpos-crianças com as danças publicadas e veiculadas pelo aplicativo e nas mídias digitais, em busca de respostas às seguintes questões: como corpos-sujeitos inseridos na plataforma falam sobre si, sobre outros corpos-sujeitos e as coisas do mundo? Quais são os significados e representações circulantes no TikTok sobre as danças? Quem pode dançar?

Dando início às vivências com a turma do 2A, deixamos uma caixa de som e um celular nas mãos desses corpos-crianças para que pudessem pesquisar e escolher músicas e danças. Os conteúdos foram acessados através do YouTube e TikTok. Alguns corpos-crianças ficaram com vergonha de dançar, enquanto outros diziam acessar apenas pelo valor financeiro que pode ser conquistado conforme a quantidade de visualizações: “tenho vergonha”; “Eu só vou no TikTok por conta do dinheiro”. Com relação aos valores obtidos por assistir vídeos, um corpo-criança do 2B disse que “o TikTok lite ganha mais dinheiro que o TikTok normal”. Já Juliana, corpo-mãe que atua na escola pelo Programa Operação Trabalho (POT)<sup>3</sup> se juntou à tematização e mostrou para os corpos-crianças os vídeos do perfil de sua filha no TikTok na tentativa de estimular a participação. Aos poucos, os corpos foram se soltando, pegando o celular e algumas músicas/danças passaram a compor os encontros: “Pão de queijo, isso é tudo que eu desejo”; “Na ponta do pé”; “música do GTA” (jogo); “The Gummy Bear Song”.

No encontro com o 2B contamos com as presenças de corpo-Caio, estudante do 8º ano, dançando “Vai vai malvadão”, e corpo-mãe Juliana e corpo-Isabel, funcionária da secretaria que aprendeu com a ajuda dos corpos-crianças a dança “Passarinho”. Os corpos-crianças disseram que no TikTok tem o “dance se souber”, composição de músicas onde as pessoas dançam, se souberem, e quem não souber observa. Dançávamos no pátio onde muitas pessoas (docentes, funcionárias/os e estudantes) passavam e ficavam observando. Corpos-crianças tinham uma facilidade imensa em utilizar o celular e mexer no aplicativo, entretanto, havia um monopólio do celular, algumas pegavam o celular e não deixavam as/os colegas mexerem ou escolherem músicas. Em alguns momentos essa situação gerou certo desconforto e alguns corpos-crianças paravam de dançar até que a pessoa que estava usando o celular compartilhasse o aparelho. Interessante foi observar como corpos-crianças vão se regulando, isso porque quando as músicas continham palavras reconhecidas socialmente como palavrões ou

---

<sup>3</sup> Em 2021, a Prefeitura de São Paulo cria o Programa Operação Trabalho de volta às aulas com o objetivo de contratar mães para atuarem na fiscalização da adoção dos protocolos sanitários e de distanciamento social nas escolas da rede durante a retomada das aulas presenciais.

expressões pejorativas, corpos-crianças baixavam o som ou pediam para trocar de música rapidamente. Olhos miravam os corpos-adultos presentes na cena como se estivessem solicitando autorização.

Percebemos que corpos-crianças presentes na cena estavam trocando conhecimentos enquanto faziam suas buscas. Quando o corpo-Cintia disse “Eu gosto de balé”, o corpo-Diogo empolgado e saltitando na frente da colega que mexia no celular com a voz imponente disse “Eu gosto de Star Butterfly”. Nesse momento, corpos-crianças começaram a anunciar suas preferências: “Eu gosto de rap e das danças do TikTok”; “O meu tipo é de rock and roll”; “Eu gosto do Luan Santana”; “Eu gosto de todas as músicas do mundo todo”; “Eu gosto de ‘ela é toda perfeita’”; “Quando o grave bate forte”; “Eu coloco na Alexia e coloco ‘Quando o grave bate forte’”; “Eu gosto de colocar coreografia para imitar. TikTok para mim é diferente”. O encontro foi sendo atravessado pelos saberes, gostos e desejos discentes.

O interessante dessa vivência coletiva foi entrar em contato com as maneiras como os corpos-crianças em processo de alfabetização interagem com o equipamento eletrônico e fazem suas buscas. Utilizando a busca por comando de voz “professora não precisa escrever é só você apertar aqui e falar”, pesquisaram as dancinhas através de trechos de músicas, nomes das músicas ou das danças, por perfis de corpos-sujeitos seguidos em redes sociais, entre outros. Corpos que se ajudavam e, ao mesmo tempo, brigavam. Um movimento que nos levou ao encontro da música “Eclipsa” da personagem de desenho Star Butterfly, um dos hits do momento “Vai se tratar garota”, com a composição de músicas no “dance se souber”. E nessa interação entre corpos, a regulação direcionava as pesquisas de corpos-crianças. Lá pelas tantas, a corpo-mãe-Juliana quando se deparava com corpos reproduzindo gestos de arminha dizia “essa é feia, tem que fazer controle de videogame e não arminha”. Apesar da fala, corpos-crianças continuaram dançando e a corpo-mãe desistiu do controle e se juntou ao grupo para dançar. Quando tocava músicas com palavrão, corpos-crianças e corpo-mãe em coro diziam “pula”. Alguns corpos não gostavam das músicas de funk e gritavam “credo que música feia”, enquanto outros dançavam de maneira livre e espontânea. Negociações iam sendo feitas:

- “Coloca a música do Neymar”.
- “Coloca a música do Free Fire”.
- “Músicas do Free Fire, coisa mais chata”.
- “Tem que colocar música que todo mundo gosta”.

As vivências produziram inúmeros conflitos. Alguns corpos-crianças não deixavam as músicas tocar até o final e ficavam passando os vídeos de maneira aleatória, gerando desgastes com o grupo que queria continuar ouvindo e dançando.

- “Só ela que fica no celular”.
- “Vocês não pegam o celular”.
- “Escreve Naruto ... NA...”.
- “Vai ficar o dia todo aí”.

Com o desenrolar das vivências, decidimos criar uma conta no TikTok para utilizá-la nos encontros. O perfil [efcultural2021](#) e uma imagem produzida por um corpo-criança foi criado e sugerimos que ao longo dos dias fosse seguido. Corpos-crianças traziam os perfis e nomes das músicas registrados em papel. Nossa intenção foi perceber como a inteligência artificial do aplicativo conduzia os acessos. Em comum acordo com todas as turmas decidimos não realizar nenhuma postagem, respeitando aqueles corpos que não se sentiam à vontade para tal empreitada. O uso do perfil seria apenas para buscar as dancinhas a partir dos conhecimentos discentes e dos perfis seguidos<sup>4</sup>. Corpos que reproduzem e criam novas coreografias e que se autorregulam. Alguns corpos fugiam das danças e se dedicavam a realizar as buscas, produzir os registros com o celular da docente e/ou da corpo-mãe-Juliana participante das aulas.

---

<sup>4</sup> Ao final da tematização seguíamos 68 perfis e tínhamos 22 seguidoras/es.

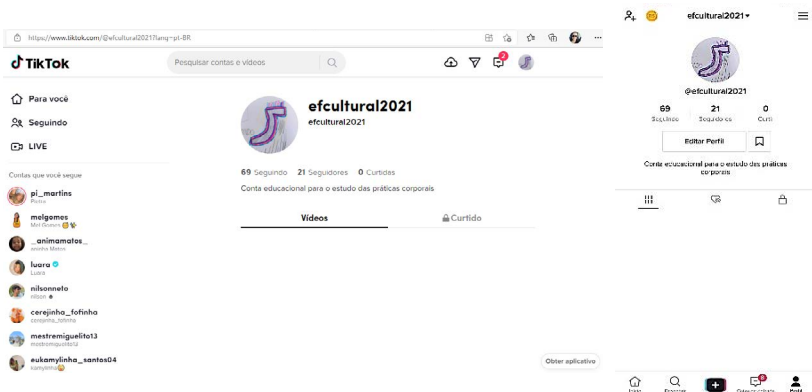


“Vai se tratar garota”: tematizando as dançinhas do TikTok

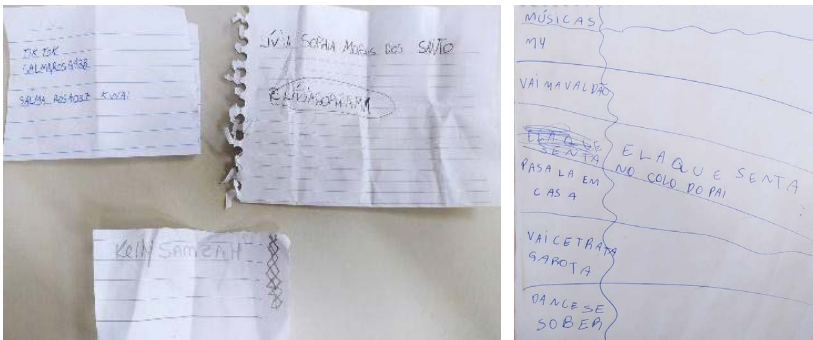
Imagem 3: Vivências (remoto e presencial) das dançinhas do TikTok



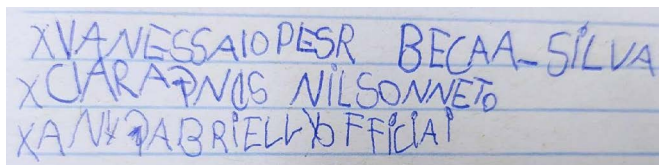
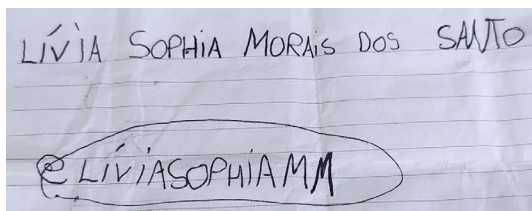
Perfil **efcultural2021**



Perfis que corpos-crianças seguem | nome de músicas que acessam



“Vai se tratar garota”: tematizando as dancinhas do TikTok



Fonte: fotos produzidas pela corpo-professora-Aline.

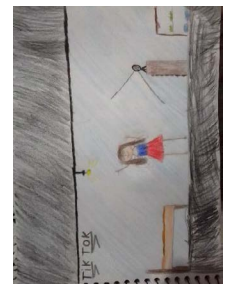
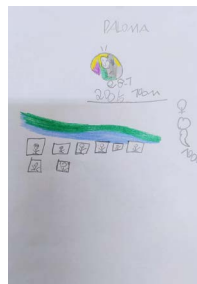
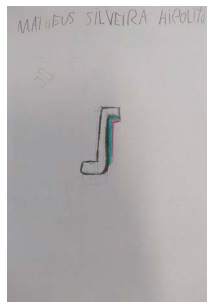
As vivências e os registros foram compartilhados no [Google Sala de Aula](#) como tentativa de produzir memória daqueles momentos, bem como para que corpos que estavam no ensino remoto pudessem entrar em contato com as produções das/os colegas. No vídeo, aproveitamos para estimular corpos-crianças e seus familiares a enviarem registros de dancinhas acessadas em seu cotidiano. Recebemos algumas produções caseiras e midiáticas, ou seja, alguns registros onde corpos-crianças estavam dançando com uma música ao fundo, registros produzidos diretamente pelo aplicativo TikTok e um desenho. De modo geral,

os registros foram produzidos utilizando efeitos especiais e teve a participação de familiares e outros corpos-crianças. Destacamos as seguintes produções recebidas: [duda21hr](#), [Sofia](#), [maraysadantas.msgmail.c1](#), [Maria](#), [Willian](#), [Davi](#), [Yasmin](#). Na escola, corpos-crianças produziram registros das experimentações, sensações produzidas, danças acessadas pelo pelo TikTok e YouTube. “Professora, eu fiz a curtida do TikTok. A pessoa clica e vai”.

**Imagem 4:** Registro discente sobre as dancinhas do TikTok



“Vai se tratar garota”: tematizando as dancinhas do TikTok



Fonte: registros discentes

Além das normatizações sobre alguns gestos (arminhas) e das palavras presentes nas letras das músicas, as questões de gênero também atravessaram a nossa tematização. No corredor em direção à quadra onde realizávamos as vivências, o corpo-Antônio do 1C estava desconfortável sobre ter que dançar as dancinhas escolhidas pelas colegas da turma e disse que “existe dancinha de menino e de menina”.

Corpo-professora-Aline: “Quais são elas?”

Corpo-Antônio: “A minha tem no YouTube”.

Corpo-Paloma: “Isso aqui é TikTok meu filho”.

Corpo-Antônio: “Paloma pode escrever o Zé Vaqueiro o original?”

Corpo-Paloma: “O que é isso gente?”

O corpo-Antônio começou a dançar e cantar um trecho da música para que corpo-Paloma pudesse encontrá-la no TikTok. Percebendo, corpo-Camila se aproximou da conversa pedindo que a aula começasse logo.

Corpo-Camila: “Paloma coloca uma música que a gente pode dançar aqui”.

Corpo-Antônio: “Mas eu não vou fazer a música dela porque é de menina”.

Corpo-Paloma: “E você quer que eu danço de menino?”

Corpo-Antônio: “Você dança a de menina e eu danço a de menino”.

Corpo-Paloma: “Vou colocar uma da Vanessa (TikToker)”.

Corpo-Antônio: “Paloma, os meninos também podem dançar essa música?”

Corpo-Paloma: “Claro né. Tem um menino dançando com duas meninas”.

Observando as coreografias das músicas que ecoavam durante o encontro...

Corpo-Antônio: “Só tem música de meninas. Elas só estão fazendo passos de meninas”.

corpo-professora-Aline: “Por que você fala isso?”

Corpo-Antônio: “Porque só tem dança de meninas e os meninos que dançam são viados”.

corpo-professora-Aline: “Quem te disse isso Antônio?”

Corpo-Antônio: “Os meninos de verdade que são meninos não rebolam”.

corpo-professora-Aline: “Onde você aprendeu isso?”

Corpo-Antônio: “Foi minha mãe”.

corpo-professora-Aline: “A sua mãe não deixa você dançar?”

Corpo-Antônio: “Não. É que eu não gosto de dançar”.

corpo-professora-Aline: “Mas você dançou uma música do Sonic na aula passada”.

Corpo-Antônio: “Do Sonic eu gosto”.

Ao perceber que corpo-Paloma havia selecionado uma dança em que corpos-meninas dançavam, porém, na voz de um corpo-menino...

Corpo-Antônio: “Professora, mas essas músicas os meninos cantam né?”

corpo-professora-Aline: “Sim”.

Corpo-Antônio: “Então eu posso dançar”.

Saltitando e numa empolgação só, corpo-Antônio chega próximo a corpos-meninas e produz uma coreografia própria, diferente do vídeo, com movimentos aleatórios, rápidos, giros e saltos. Ao som da música “Te dei meu coração e você não merece... esquece, esquece”, aqueles corpos vivenciaram a dança à sua maneira. Corpo-Antônio só se sentiu à vontade quando teve a convicção de que aquela música, aquele estilo de dança e aquela voz masculina produziu uma composição estética permitida ao seu corpo masculino. Corpo-Antônio desejava participar, desde o início fez questão que aquele encontro se encaixasse em seus ideais normativos - produzidos em suas relações sociais - quanto ao corpo masculino e às questões sobre a masculinidade.

Após a postagem das memórias produzidas pelos encontros no *Google Sala de Aula*, a mãe de corpo-Yasmin colocou seu ponto de vista e suas preocupações sobre a tematização em andamento. Momento de extrema importância, afinal, a partir da publicação de seus questionamentos e desconfortos, foi possível construirmos uma relação de aliança através do diálogo e da troca de conhecimentos.

### Imagem 5: Diálogos sobre a tematização das dancinhas do TikTok

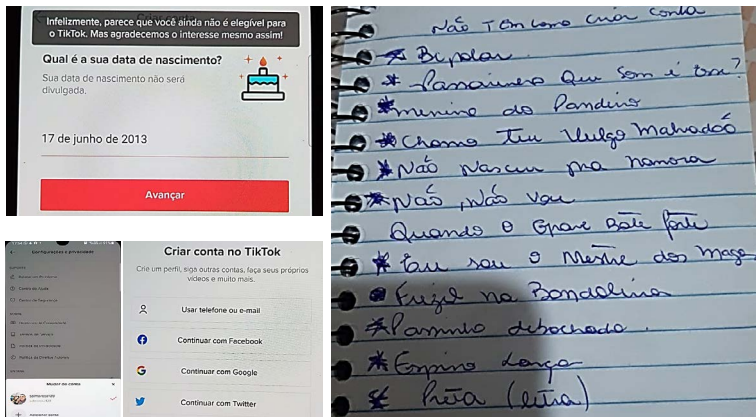
-  25 de set.  
Oi,pró,tudo bem? Então eu até gosto das dancinhas do tiktok o problema é as letras das músicas que são pesadas pra idade delas, é uma situação difícil a maioria das crianças hoje sabem tudo sobre as coreografias as músicas e elas disputam entre elas tem hora que nem sei o que fazer.
- ALINE SANTOS NASCIMENTO** 26 de set.  
Olá. Tudo bem sim. A escolha desse tema para estudo se deu por alguns motivos: percebi que as crianças dançam e falam muito sobre Tik Tok, utilizam roupas com a marca, falam que ganham dinheiro e que ficam muitas horas do dia utilizando o aplicativo. Percebendo a necessidade de trazer pra escola para que aqui, de maneira contextualizada, as crianças consigam entender melhor o que passa dentro desse universo fiz a escolha.
- ALINE SANTOS NASCIMENTO** 26 de set.  
Eu não tenho Tik Tok e montei uma conta para as turmas acessá-las. Ao fazer isso, percebi que o aplicativo não tem nenhuma informação sobre a idade mínima e não solicita nenhum dado específico. Depois no encontro com as crianças elas foram me ensinando a mexer e me diziam o que cada coisa significava.
- ALINE SANTOS NASCIMENTO** 26 de set.  
Como a Educação Física trabalha fazendo o estudo das danças, brincadeiras, esportes, lutas e ginásticas percebi que a dança seria o objeto de nosso estudo. Nas vivências, entreguei meu celular e uma caixa de som e pedi para as crianças colocarem as dancinhas que elas sabem e dançam em casa. Apareceu músicas desde o contexto gospel ao Funk.
- ALINE SANTOS NASCIMENTO** 26 de set.  
Percebi que em muitos momentos as crianças dançam e não se importam ou não compreendem o significado das músicas. Isso me chamou atenção e pretendo discutir com elas.
-  26 de set.  
É Prô a Yasmin mesmo usa minha conta pra ter acesso no tiktok e no kwai , ela ama fazer esses vídeos.
- ALINE SANTOS NASCIMENTO** 26 de set.  
Estou te falando o que estamos fazendo muito empolgada porque você foi a única pessoa até agora que se interessou no que estamos vendo em aula. As vezes, quando tratamos dessas questões com as crianças as pessoas pouco se interessam ou apenas criticam. Nosso trabalho Vai além das crianças apenas reproduzirem movimentos. Aqui elas são produtoras de cultura e conhecimento. E elas estão conduzindo o estudo.
- ALINE SANTOS NASCIMENTO** 26 de set.  
Ficaria muito feliz se você ficasse perto, compartilhasse o que a Yasmin sabe sobre o Tik Tok e todo esse universo da dança.
- ALINE SANTOS NASCIMENTO** 26 de set.  
E quando quiser e puder está convidadíssima para acompanhar nossas aulas, interagir com as crianças e nos ajudar a criar nosso estudo de maneira coletiva.
-  26 de set.  
Então Prô na verdade eu sempre olho as músicas,as coreografias e observo as letras das músicas se eu te disser que fico satisfeita com as letras eu não fico,porém eu percebo que pra ela o que importa é a coreografia e as batidas ela gosta muito dos funk já teve vários vídeos banidos do tiktok por causa da letra. Eu converso com ela e tento explicar que as músicas não são de crianças mas aí vem aquela dúvida não sei se proíbo ou se deixo por que sei que na mente dela não tem nenhuma maldade e por outro lado já recebi críticas de pessoas porque deixo ela ter acesso a esse tipo de música,tem horas que não sei como lidar mas estou achando ótimo esta tendo essas aulas por a senhora esta tratando desse assunto pra eu ter pelo menos uma ideia de como estão as outras crianças.
-  26 de set.  
Depois pode me dizer como posso ajudar a interagir que arrumo um tempinho e posso ir sim morrendo de vergonha mas a gente dá um jeito rsrs.
- ALINE SANTOS NASCIMENTO** 26 de set.  
Que maravilha. Pode vir na semana que a Yasmin estiver na escola ou quando achar melhor. Estou por lá de segunda a quinta das 8:30 as 16h.
-  26 de set.  
Irei sim na semana que ela estiver na escola já deixo ela e peço pra te chamar então aí conversamos pessoalmente .
- ALINE SANTOS NASCIMENTO** 26 de set.  
Fechadoooo!!!! Abraços 🤗
-  27 de set.  
Boa Noite 🌙🤗🤗
-  Adicionar comentário particular... 

Fonte: produzida pela corpo-professora-Aline.

Na semana seguinte, a corpo-mãe-Salma esteve na escola e conversamos sobre suas preocupações registradas acima. Ficou decidido que ela faria uma varredura das músicas que causam desconforto em sua família, mas que sua filha dança sem pudor. “A Yasmin dança porque gosta dos gestos e da batida da música, mas ela não sabe o significado das letras”. Importante é pensar que algumas músicas são reproduzidas no TikTok, fazendo o uso de apenas um pequeno trecho, na maioria das vezes, o refrão. O que faz com que o conteúdo “pesado” não seja reproduzido. Lembramos de como algumas músicas para serem tocadas em programas de televisão têm trechos modificados e em outras plataformas essas mesmas músicas tocam na versão original.

A corpo-mãe-Salma entrou em contato com as letras das músicas e disse estar desconfortável por abordarem temas como sexo, drogas, violência, armas, bebidas e tráfico. Outro assunto discutido foi o acesso ao aplicativo TikTok, pois não possui ferramentas de controle parental como o YouTube Kids. Entretanto, apesar do aplicativo estabelecer a idade mínima de 13 anos, são comuns os vídeos de corpos-crianças veiculados por pessoas adultas e/ou contas de outros corpos-crianças registradas com dados de adultos/as (uma maneira de driblar as normas de privacidade). Por fim, a corpo-mãe-Salma se colocou à disposição para acompanhar e participar da tematização.

Imagem 6: Registros produzidos pela corpo-mãe-Salma



Tentativa de criar uma conta no TikTok com idade inferior a 13 anos | nome das músicas

Fonte: registros da corpo-mãe-Salma



A fim de conhecermos melhor a plataforma TikTok, realizamos uma busca coletiva na sala de leitura e acessamos alguns vídeos com informações sobre o surgimento e especificidades do aplicativo tão acessado e conhecido. Um vídeo do TecMundo conta a história e os trâmites em busca de *boom* comercial.

**Imagem 7:** Pesquisando informações sobre o TikTok



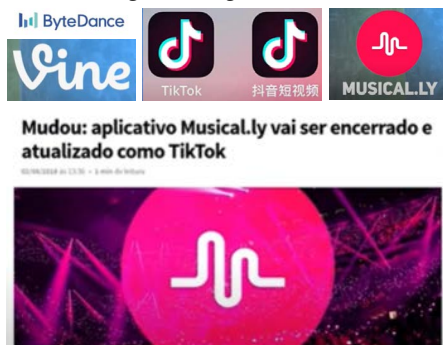
Fonte: produzida pela pesquisadora.

O material apresenta o TikTok como mistura de aplicativo e rede social com o objetivo de compartilhar vídeos de até 15s de duração, normalmente, com um trecho de uma música acompanhando. O aplicativo utiliza inteligência artificial para criar um *feed* personalizado baseado nos conteúdos acessados e de interesse do perfil. É a produção em massa de vídeos, memes, dublagens, entre outros. Graças à facilidade, as/os usuárias/os rapidamente se transformam em produtores/as de conteúdo. Com sua moeda, o aplicativo tem seu jeito próprio de monetização e as/os usuárias/os acabam tendo menos pressão com relação ao tema se comparado a outras plataformas digitais.

Conversamos sobre a questão dos dados pessoais de usuárias/os migrarem automaticamente de um aplicativo para outro. Apesar do anúncio da migração, corpos-crianças ficaram surpresas com a quantidade de dinheiro investido por grandes corporações na obtenção de informações pessoais. Talvez, nesse contexto em que vivemos, os dados tenham um valor que sequer imaginamos. Enquanto corpos imersos nesse cenário, discutimos sobre a importância de não inserir dados pessoais em sites não confiáveis, o que geralmente acontece em muitas plataformas de jo-

gos online. Corpos-crianças lembraram que pessoas conhecidas tiveram algum prejuízo - pessoal e financeiro - após enviar dados pessoais de maneira equivocada.

Imagem 8: Origem do TikTok



Fonte: TecMundo

Voltamos às *vivências*. “Como vocês aprendem as dancinhas do TikTok? Quantas vezes será que precisamos assistir ao vídeo para conseguir reproduzir toda a coreografia?” Essas questões balizaram os encontros após a pesquisa. Como estávamos na sala de leitura com acesso à internet, deixamos o computador à disposição para quem desejasse buscar as dancinhas que gostariam de dançar. Empolgadas, alguns corpos-meninas se dirigiram à mesa pedindo músicas. Som alto, batidas, jogadas de ladinho, passo pra lá, passo pra cá, mão na cabeça e o encontro acontecia com corpos em frente à tela de projeção imitando as coreografias.

Algo nos intrigou nessa cena. Um corpo-menina do 2B sugeriu músicas da cantora Ludmilla e prontamente um corpo-menino retrucou: “Ludmilla, isso é coisa de mulherzinha”. Logo que os vídeos começaram a rodar na tela, dois corpos-meninos se recusaram a assistir, taparam os ouvidos e os olhos com as mãos e a máscara. Desesperado, um deles gritou: “Tira disso, eu sou de Jesus”, enquanto o outro disse: “Eu não quero vir mais para a escola não”, reagindo à proposta do encontro. Impactada com a situação questionei porque diziam aquilo se nos encontros anteriores ambos dançaram sem nenhum problema. “Eles têm vergonha”; “Ninguém sabe”; “Também não sei por que eles não dançam”.

Tela congelada, som mutado, corpos-crianças parados para discutir a questão. Um corpo-menino que estava dançando foi direto: “os meninos querem ouvir outras músicas”. O corpo-menino que havia dito que não voltaria à escola retrucou: “Eu não quero mais dançar nada”, já o outro voltou a mencionar razões religiosas: “Eu quero ir pra igreja rezar para Jesus”. Perguntei: “Mas por que vocês estão tão incomodados com os vídeos?”

Corpo-Cauê: “Eles não querem ver mais porque tem um monte de menina rebolando”.

Corpo-professora-Aline: “Nossa preocupação é com a estética corporal das pessoas que dançam ou em aprender a coreografia da dança? Foram vocês que seguiram essas pessoas”.

Corpo-Pedro: “Essas danças que elas colocam é coisa de menina e não de menino”.

Corpo-Paulo: “Não era para ser aula de Educação Física?”

Corpo-professora-Aline: “Essa não é a aula de Educação Física?”

Nenhuma resposta. Silêncio total.

Corpo-Pedro: “Por que elas não escolhem uma e depois a gente escolhe outra”.

Aceitamos a sugestão do corpo-Pedro. Voltamos a fazer as buscas e após algumas dancinhas, Corpo-Pedro se manifestou: “viu? Elas só colocam as que a gente não quer dançar, eu quero a música do Neymar”. A estagiária da turma, inconformada com a situação e com a atitude, foi até ele e disse: “Porque você não vai até a professora pedir sua música, ela já colocou a do free-fire e do pitbull que vocês pediram”. Colocamos a música do Neymar que ele tanto queria e um corpo-menina comentou: “Olha nesse vídeo tem dois meninos e uma menina”. O vídeo proposto pelo corpo-Pedro acabou sendo um potente material para pensarmos como as questões de gênero atravessam as danças, as músicas e as nossas performatividades corporais.

Após o desconforto gerado na turma do 2B, com as demais turmas da semana fizemos as buscas utilizando a palavra “dancinhas” + trechos ou nome

das músicas + a palavra “infantil”. A escolha tentou fazer com que a inteligência artificial do aplicativo apresentasse em nosso *feed* danças realizadas por corpos-crianças. A interação aumentou sem nenhum incômodo.

**Imagem 9:** corpos-meninos se recusando a assistir vídeos do TikTok



Fonte: produzida pela corpo-professora-Aline

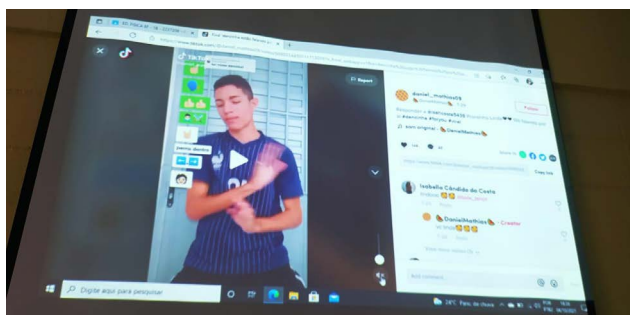
Realizamos ao longo da tematização algumas conversas com as turmas problematizando as questões de gênero que estavam latentes nos encontros. Discutimos como os gêneros, as feminilidades e as masculinidades são produzidas culturalmente nas sociedades e como a dança, enquanto prática corporal e cultural, produz e veicula discursos genderizados que, por vezes, aprisionam os corpos-sujeitos em verdades supostamente inalteráveis. As heteronormatividades atravessavam os corpos-crianças que no coletivo estavam dançando e produzindo cultura e conhecimento. A estética produzida a partir das experiências vividas na relação entre corpos-crianças era bastante singular se comparada com as produções acessadas no TikTok e, não por isso, menos valiosas.

Os conflitos nos ajudaram a interrogar os discursos normativos que nos cercam, rondam, produzem e nos fazem atuar. Entretanto, não basta que essas discussões ocorram apenas nas cenas didáticas da Educação Física, elas precisam ocupar outros espaços escolares. O TikTok, além das danças, contribuiu para compreendermos melhor como os modos de viver e existir no mundo são produzidos, confrontados, regulados. Enquanto corpos-sujeitos participantes das sociedades, estamos imersos nas relações de poder e nas lutas pela validação de significados.

Imagem 10: Busca e vivências das dancinhas do TikTok



### Dancinhas com emojis



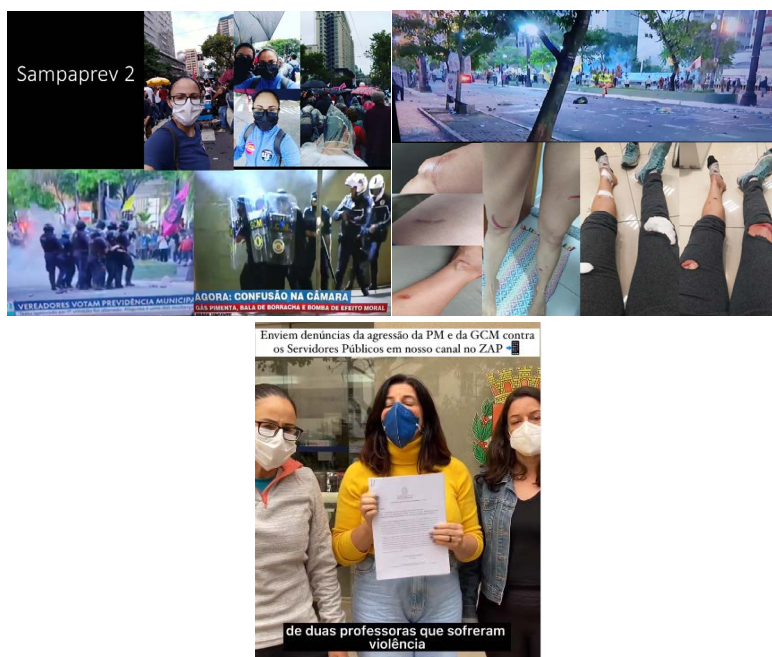
Fonte: produzida pela pesquisadora.

Ao entrar em contato com vídeos de danças com emojis ao lado, pensamos em arriscar a criação de novas coreografias, utilizando a ferramenta de imagens. Entretanto, em meados de novembro, a categoria dos/as profissionais de educação de São Paulo deflagrou uma greve contra a segunda e definitiva votação do *Sampaprev 2*, que modifica os critérios de idade, tempo de contribuição, regras permanentes e de transição para aposentadoria contidas na Emenda Constitucional nº 103/2019, aprovada pelo governo Bolsonaro. Não se sabia ao certo quanto tempo o movimento duraria e quais seriam seus desdobramentos. Durante a votação, bombas de gás lacrimogêneo foram lançadas contra manifestantes pela Guarda Civil Municipal - GCM. Estilhaços de uma bomba atingiram o corpo-professora-Aline e o corpo-Carina, sua amiga e companheira de luta.

“Vai se tratar garota”: tematizando as dancinhas do TikTok

Na mesma semana ambas voltaram àquele lugar, ainda com seus corpos debilitados. Foram à Câmara Municipal encontrar as vereadoras da Bancada Feminista do Partido Socialismo e Liberdade - PSOL Silvia Ferraro e Dafne Sena e seguiram para a corregedoria da GCM. Foram recebidas pelo Corregedor Geral Wilson Prattes, registraram oitiva e entregaram um dossiê com fotos de seus ferimentos e de outras/os servidoras/res atingidas/os. Formalizaram o pedido de abertura do procedimento investigativo para apurar o ocorrido.

Imagem 11: Retaliação policial



Fonte: acervo pessoal da corpo-professora-Aline.

Após dias de licença médica para tratamento das queimaduras, algumas questões: Como esse corpo volta à cena escolar? Como a comunidade escolar recebe esse corpo? Como as cicatrizes agenciam o seu fazer docente? Ao reencontrar com os corpos-crianças, este corpo foi recebido com afeto e cuidado. Foi preciso narrar o episódio da bomba inúmeras vezes.

Já sobre a tematização... acabou morrendo nela mesma!